

Um Estudo do Típico em *Angústia* de Graciliano Ramos

A Study of the Typical in *Angústia* by Graciliano Ramos

Rosemari Bendlin Calzavara**

* Universidade Norte do Paraná (UNOPAR).

Resumo

Este estudo tem por objetivo analisar o romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, sob o ponto de vista do típico e conforme o desenvolvimento que Lukács deu a esta categoria. Num primeiro momento, faremos uma síntese da teoria lukácsiana do típico, para, num segundo momento aplicá-la ao estudo das personagens de *Angústia*, em particular ao protagonista, Luís da Silva.

Palavras-chave: Romance. Graciliano Ramos. Teoria Lukácsiana.

Abstract

This study aims at analyzing the novel Angústia, by Graciliano Ramos, from the viewpoint of the typical and in accordance with the development Lukács gave to this category. At first, a synthesis of the lukácsian theory on the typical will be presented, followed by its application to the characters in Angústia, mainly to Luís da Silva, its main character.

Key-words: Novel. Graciliano Ramos. Lukácsian Theory.

1 Introdução

Segundo Gardiner (1984), o papel desempenhado na história por pessoas particulares só parcialmente se explica mediante a consideração dos seus interesses imediatos e conscientes. Estes interesses manifestam-se por meio de necessidades, paixões, caracteres, talentos e levam-nos a acreditar que tais necessidades, paixões e interesses são a única fonte de ação.

Mas sabe-se que toda ação, e relação desta ação, correspondem a uma dimensão maior, por ser esta uma relação histórica. A propósito disto, Gardiner (1984) fala de “indivíduos histórico-cósmicos”. Por que indivíduos histórico-cósmicos? Porque tais indivíduos dentro de sua individualidade realizam a vontade do espírito cósmico, ou seja, suas ações, embora pareçam particulares, na verdade representam e realizam uma ação universal, o sentido em que a história da humanidade se desenvolve (daí a contraditoriedade dos sujeitos que normalmente são chamados de heróis – heróis problemáticos para esta teoria).

Portanto, as ações dos indivíduos devem ser julgadas dentro do contexto histórico que “exige” ou torna necessária a sua realização. O particular realiza o universal.

2 Desenvolvimento

Na obra *Introdução a uma estética Marxista*, Lukács (1968) retoma esta questão própria da história e desenvolve-a no sentido estético literário, construindo a fundamental categoria da particularidade. A particularidade é uma síntese dialética entre o singular (particular) e o universal.

Assim, as personagens do romance (ou do drama)

seriam as catalisadoras da mediatez sensível das pessoas e dos antagonismos efetivos dos grupos sociais na sua evolução histórica.

Na arte, e, sobretudo na literatura, esta particularidade toma a forma do típico. O típico pressupõe um indivíduo fora da média. Tanto a universalidade (conceitos, juízos), como a singularidade (sensibilidade) imprime no típico a particularidade.

Esta tipologia evoca um universo, um mundo, porque agrega os personagens e situações essenciais, numa relação constante, de maneira a representar um ponto de vista histórico sobre a realidade.

Típico não se confunde com exemplar nem se compara à oposição bem e mal apenas. A personagem tipo é aquela cujas reações não seguem o comportamento médio do seu grupo. No caso, o herói problemático até pode parecer pertencer ao seu grupo social, mas de fato não se enquadra nele.

A construção da personagem pode se dar por uma larga possibilidade. Essas possibilidades são baseadas em exemplos do cotidiano, mas visam o universo da criação ficcional literária.

A personagem tipo, como foi visto anteriormente, é aquela que não está na média comum, pois assim não revelaria as contradições entre o que é (o novo) e o que foi (o velho). A personagem concentra toda a complexidade de conflitos que permeiam uma sociedade em mudança. Por isso, é uma personalidade excepcional, que favorece a centralização das tensões, tornando-as transparentes para o possível desenlace.

Além das personagens, também são típicas as situações em que estas se envolvem, bem como serão típicos os objetos que geram conflito (linguagem, processos de

trabalho, os costumes, as organizações sociais, ideologia, etc.). Dentro das suas especificidades, estes objetos podem contribuir em maior ou menor grau para os conflitos, visto que podem servir como mediadores no momento de sua troca ou uso.

Por outro lado, o homem só se define em situações, pois ele está constantemente envolvido num sistema de relações, isto é, ligações com pessoas, grupos, ideologias, leis, costumes e o próprio meio físico. Estas relações decorrem em dois modos: relações de harmonia e relações de conflito. Mas as relações de harmonia muitas vezes podem ser falsas ou estar no nível da fuga para o imaginário ou mesmo para a alienação.

Já as relações de conflito muitas vezes assumem tal dimensão que são impossíveis de serem administradas, causando tal estado de agudeza até tomar uma proporção absoluta de desenlace.

A perspectiva do romance da sociedade burguesa é em geral uma perspectiva fundamentalmente negativa. Portanto, a teoria aqui apresentada se presta muito mais aos romances realistas, donde o nosso interesse em aplicá-la à análise do romance *Angústia* de Graciliano Ramos.

Somente os grandes escritores têm a capacidade de captar elementos essenciais e transpô-los artisticamente de forma que destaquem a essencialidade da vida cotidiana e suas contradições imanentes.

Graciliano Ramos é o mais expressivo romancista brasileiro da década de 30. Sua obra captou não só o momento da realidade social como o momento da realidade interior de tipos humanos da sociedade do Nordeste brasileiro.

Angústia é talvez a sua obra prima e nela podemos observar uma etapa do desenvolvimento da vida de um grupo social e suas perspectivas num período histórico. A decadência de uma classe social – a burguesia rural do Nordeste do Brasil, vista através da trajetória de Luís da Silva, digno representante da família patriarcal decaída.

O realismo de *Angústia* propicia-nos um estudo mais apurado das questões universais particularizadas nas personagens. Luís da Silva, Julião Tavares, Marina, D. Adélia, José Baía, Trajano de Aquino Cavalcante e Silva, são personagens que revelam em sua vivência e através de ações específicas, as múltiplas relações existentes entre sua individualidade e os problemas de sua época.

Devido ao grau e à complexidade de suas ações, estes indivíduos problematizam em maior ou menor escala a sua relação histórico-cósmica, daí o seu maior ou menos grau de tipicidade.

Luís da Silva é, em alto grau, um personagem típico, segundo a visão lukacsiana. Todas as essencialidades e contradições se mostram presentes em sua vivência, desde a sua origem na fazenda do avô Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva até a consumação de sua vingança contra Julião Tavares e conseqüente desvario em decorrência de tal ato.

Luís da Silva faz-se escritor, jornalista e funcionário público mas não se encontra como pessoa em nenhuma dessas funções. Já não é um membro da classe dos proprietários rurais, e também não chega a transformar-se em burguês.

Essa soma de contradições se manifesta nas interpenetrações de três planos temporais na narrativa: o monólogo interior de Luís da Silva impedindo-o de se decidir claramente por uma direção; o presente (tempo em que a história é contada); o passado remoto (os tempos da fazenda do avô e da infância) e o passado recente (fatos que dizem respeito ao seu passado já na vida adulta).

Luís da Silva é um homem mal sucedido e integrado numa visão pessimista do mundo. Sua complexidade é manifestada em toda a sua contraditoriedade. Ao mesmo tempo em que ele nega a situação de burguês, suas atitudes demonstram o valor que isso tem na sociedade e para si mesmo. A expressão que os indivíduos imprimem à sua vida corresponde àquilo que eles são:

trinta e cinco anos, funcionário público, homem de ocupações marcadas pelo regulamento... além de tudo sei que sou feio (RAMOS, 1995, p. 34).

Essa auto-análise de Luís da Silva põe a descoberto alguns de seus valores, por exemplo, a valorização da beleza e da idade mas isso não impede que ele pense com mais detalhes num relacionamento amoroso, talvez até um casamento com Marina. O que lhe proporcionaria atingir certa segurança burguesa.

Para um indivíduo que se dizia velho, o pensamento de um possível casamento, só porque a situação financeira estava boa, revela uma das contradições que nos remete ao típico. Como é possível aliar coisas antagônicas: relação intelectual, fria, crítica e analista com desejos de organização familiar pequeno-burguesa.

A própria situação do relacionamento com Marina sempre se mostrou em desacordo com a possibilidade de total harmonia. A harmonia quando existia era velada, aparente. Desde o princípio do relacionamento, Luís da Silva manifestava seu desagrado a Marina, configurando-lhe adjetivos pejorativos: “Perua... Sirigaita.” (RAMOS, 1995, p. 37). Entretanto isso não diminuía sua atração por ela e o encaminhamento da relação para um casamento a ponto de, para isso, gastar todas as suas economias e, inclusive, contrair dívidas.

A harmonia entre Luís da Silva e Marina é aparente e aos poucos vai se revelando contraditória. Com o casamento marcado, o dinheiro todo gasto e a sensação de estar sendo traído, ainda assim ele oferece presentes a Marina.

Enganando-se ou querendo ser enganado para não enfrentar o relacionamento em conflito, Luís da Silva continua a fazer-lhe as vontades, mas a dúvida persiste.

Como forma de se vingar da traição e recuperar a liberdade e a moral atingidas, Luís da Silva tem um encontro com uma prostituta. Vai para o quarto com ela, mas não consuma o ato. Fica no quarto com a mulher por um período de duas horas mais ou menos divagando sobre a vida, sobre a sua própria existência, a existência daquela mulher que estava ali ao seu lado e [...] Marina.

Parodiando com a possível liberdade, Luís da Silva chega a cantarolar o Hino da Independência “Liberdade, liberdade [...] Abre as asas sobre nós [...]” (RAMOS, 1995, p. 82). Em seguida paga a mulher com dez mil réis (parte dos quatorze mil réis que ainda tinha). Espantada com a

atitude de Luís da Silva, a mulher recusa o dinheiro, pois o serviço não se completara.

Fica bastante evidente nesta situação o caráter contraditório da atitude de Luís da Silva, quer a liberdade e como prova desta liberdade procura outra mulher, mas a contradição se fecha quando ele não concretiza o ato de liberdade e mesmo assim paga para a mulher com praticamente todo o dinheiro que possuía.

A pequenez da vida de Luís da Silva se contrapõe à bem sucedida vida de Julião Tavares. Ele critica o que não pode ter, mas que ambiciona intimamente, configurando seu perfil pequeno-burguês: Marina, dinheiro e tranqüilidade. Racionalmente ele não admite isso, mas no íntimo este é um dos motivos que o leva a matar Julião Tavares.

A oposição Luís da Silva x Julião Tavares não ocorre apenas nos plano sentimental e econômico, mas também e violentamente, no plano literário. Luís da Silva critica no rival sua participação na Academia e sua produção, mas no fundo realiza ações tão degradadas quanto às de Julião Tavares.

A relação que Luís da Silva mantém com a produção intelectual é outra demonstração da agudeza de suas tensões. Logo no início da narrativa ele recorta a mediocridade da vida capitalista, que mercantiliza de forma vil a arte literária. A sobrevivência fala mais alto que os princípios estéticos.

O jogo entre consciência e necessidade permeia toda essa questão e isso fica evidente na narrativa quando ele comenta:

Certos lugares que me davam prazer tornaram-se odiosos. Passo diante de uma livraria, [...] tenho a impressão de que se acham ali pessoas exibindo títulos e preços nos rostos, vendendo-se. É uma espécie de prostituição. (RAMOS, 1995, p.7).

Em outros momentos Luís da Silva demonstra a sua fragilidade e se reporta como um mercenário da literatura: vende um soneto por cinquenta mil réis “que por sinal era dos piores”, por ter agradado ao leitor jurou que a coisa estava inédita. Numa outra situação quando lhe é pedido um artigo a respeito de salários “Bocejo e sapeco uma literatura ordinária, constrangido. Sei que estou praticando safadeza” RAMOS, 1995, p.97).

Na fraqueza e infidelidade literárias de Luís da Silva reside a sua única força, ou seja, é onde ele consegue manter a consciência de tensão da contradição social.

Luís da Silva é um representante típico da evolução histórico-social do Nordeste Brasileiro.

A decadente casta de proprietários rurais não tem perspectivas, mas também não tem perspectivas o grupo de intelectuais, geralmente provenientes daqueles estratos.

O máximo a que conseguem aspirar, com um mínimo de realismo, é a condição pequeno-burguesa (família, emprego público), mas a consciência intelectual os impede de cair em tal mediocridade.

Ao assassinar Julião Tavares, Luís da Silva atinge o máximo possível do seu grupo: expressou todo o seu ódio à dominação burguesa, mas não conseguiu consolidar o seu próprio caminho.

Referências

CANDIDO, A. *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

_____. Os bichos de subterrâneo. In: CANDIDO, A. *Tese e antítese*. São Paulo: Nacional, 1978.

COUTINHO, C. N. Graciliano Ramos. In: BRAYNER, S. (Org) *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GARDINER, P. Hegel/História Filosófica. In: _____. *Teorias da História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

LUKÁCS, G. *Introdução a uma estética Marxista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 260 - 282.

_____. *Marxismo e teoria da literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

PUCCINELLI, L. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Quiron, 1975.

RAMOS, G. *Angústia*. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

Rosemari Bendlin Calzavara*

Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Coordenadora do curso de Letras da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR).

e-mail: <rosemari.calzavara@unopar.br>

* Endereço para correspondência:

Rua Guarapes, 188 – Cep. 86.015-090 - Londrina, Paraná, Brasil.
